



AIDS na Mídia Contemporânea¹

Tatiana dos Santos SILVA²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Este artigo reúne reflexões sobre o modo como a AIDS tem sido abordada no *Jornal Nacional*, considerando o papel da cobertura midiática na construção da inteligibilidade da doença. Com este objetivo, lançamos mão dos estudos de Maurice Mouillaud sobre a construção do acontecimento jornalístico e de Gérard Imbert sobre o vínculo do telejornalismo com a atualidade e o espectador para orientar as análises de algumas das estratégias narrativas e de autenticidade empregadas pelo objeto de estudo.

Palavras-chave: AIDS; Jornalismo; Televisão.

Escrever sobre AIDS em 2011 gera estranha sensação, quase um desinteresse que, quando analisado, se justifica. O intenso potencial dramático que caracterizava as percepções dos primeiros anos de emergência da doença, quando ela ainda era um “mistério”, diminuiu drasticamente com os constantes avanços científicos. Ainda que certos tabus prevaleçam, as terapias atuais que proporcionam melhores condições para quem vive com AIDS contribuíram para a construção de uma percepção da doença como crônica, assim como Diabetes ou Hepatite, enfermidades com as quais é possível conviver por um longo tempo. Entretanto, não podemos esquecer que a AIDS é uma doença crônica problemática, pois demanda grande infra-estrutura clínica, corpo médico variado e bem especializado, altos gastos orçamentários com o tratamento dos soropositivos e gera intensos efeitos psicológicos e sociais devido ao preconceito que ainda persiste na sociedade. Como o número de indivíduos contaminados continua a crescer³, faz-se essencial tentar entender como a mídia contemporânea apresenta a AIDS ao público, considerando a constituição da mídia – em especial a televisão - como grande espaço no qual saberes e poderes distintos, emitidos por atores sociais que na

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Jornalista formada pelo Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, email: tatiabsoluta@yahoo.com.br

³ O último relatório global do Programa de Combate a AIDS das Nações Unidas (UNAIDS) estima que entre 31.1 e 35.8 milhões de pessoas vivem (ou viviam) com HIV em 2008 e calcula-se que entre 2.4 e 3 milhões de novas contaminações ocorreram no mesmo ano. No Brasil, registros do último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde indicam que de 1980 até junho de 2008 foram identificados 506.499 portadores de HIV.



concepção do jornalismo teriam autoridade para falar do tema - são negociados e articulados com o potencial de influenciar as interações sociais.

Apesar da existência de inúmeros títulos no mercado sobre AIDS, que falam de questões biológicas, científicas, psicológicas, políticas e sociais, não é fácil encontrar literatura que trate do modo como a cobertura televisiva aborda a doença dentro do contexto brasileiro. Diante deste quadro, o presente artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre o modo como a doença emerge no *Jornal Nacional*⁴ (JN), ponderando sobre algumas das estratégias empregadas pelo noticiário para construir o Dia Mundial de Luta Contra AIDS⁵ como um acontecimento jornalístico. Na posição de pauta fria que a síndrome ocupa, o Dia Mundial foi escolhido por ser um acontecimento histórico que, apesar da perda do seu ineditismo há tempos, ainda assegura a cobertura jornalística das (ou muitas das) dimensões que constituem o fenômeno AIDS. Todo primeiro de dezembro, entidades governamentais, grupos de apoio e prevenção, entre outras categorias, organizaram conferências, encontros e manifestações que ocorrem, criativamente, em diversos países, para atrair a cobertura dos sistemas midiáticos e demandar o posicionamento de chefes de estado e de figuras da ciência, da cultura e da mídia.

Com o intuito de compreender este grande personagem, não é possível falar de AIDS centrado-se somente nos seus números e aspectos médicos-científicos. Conforme afirma Antônio Fausto Neto, em *Comunicação e Mídia Impressa – estudo sobre a AIDS*, a inteligibilidade sobre a doença é, em grande parte, construída pela mídia. Ele define a síndrome como um fenômeno midiático e discursivo que

resulta de diferentes falas que foram e são produzidas por diferentes instituições, falas essas que são anunciadas e disputadas em meio às estratégias *discursivas* que as instituições mobilizam para, a partir de determinados lugares e competências, semantizarem a AIDS (FAUSTO NETO, 1999, p.20).

Podemos inferir que os sentidos construídos sobre a AIDS decorrem menos da sua real caracterização científica do que da negociação de discursos promovida pelas

⁴ O *Jornal Nacional* é o noticiário mais assistido pelos brasileiros entre 25 e 49 anos, a maioria das classes ABC. Segundo dados do IBOPE, na semana de 30/11/2009 a 06/12/2009, por exemplo, período que inclui a celebração do Dia de Luta Contra AIDS, 31% dos televisores de 5.728.442 domicílios na cidade de São Paulo estavam ligados no JN no horário de sua veiculação.

⁵ O Dia Mundial de Luta Contra a AIDS é uma data de solidariedade às pessoas que vivem com o vírus HIV. Ele é celebrado todo dia primeiro de dezembro, desde 1988, ano seguinte em que a data foi escolhida pela Assembléia Mundial de Saúde, com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU). O laço vermelho, símbolo da solidariedade, foi inspirado no laço amarelo usado para honrar os soldados americanos na Guerra do Golfo, e remete à ligação do vírus com o sangue e a paixão.



práticas midiáticas. Sendo assim, poderíamos pensar que o espaço e a profundidade reservados a discussão da doença deveriam ser grandes, considerando-se sua contínua expansão entre idades, classes, cores e regiões cada vez mais distintas. Todavia, ao longo dos últimos quatro anos⁶, a cobertura do *Jornal Nacional* tem se revelado cada vez mais sucinta.

No ano de 2007 foram exibidas duas matérias distintas no quarto bloco da edição considerada do *JN*. O programa tentou criar certa expectativa quanto às notícias revelando, aos poucos, nas chamadas da escalada e do final de cada um dos três primeiros blocos, partes das histórias a serem contadas. A primeira (01'47''), sobre o sucesso da implementação de um teste de sangue que identifica mães soropositivas a tempo de prevenir a contaminação de suas crianças, durante o parto ou o pós-parto, pelo vírus HIV, e a segunda (01'24''), um rápido panorama - primeiro nacional, depois mundial - das ações, falas e manifestações ocorridas no dia primeiro de dezembro.

Contudo, as matérias exibidas não abordavam diretamente as questões que justificam a existência do Dia de Luta. Com uma chamada sobre o avanço da AIDS entre as mulheres, a âncora Cláudia Vilhena⁷ introduziu a primeira notícia, ressaltando que a transmissão de mãe para filho diminuiu. A matéria começou então com a entrevista de duas jovens, não identificadas (somente suas sombras foram projetadas), que se descobriram soropositivas no início de uma gravidez. Sem explorar o drama das mães, as falas foram ordenadas para apresentar a idéia de que a transmissão do vírus pode ser evitada com o tratamento adequado. Na passagem, a repórter Cláudia Gaigher revelou que o número de crianças contaminadas tem caído graças a um simples exame de sangue, realizado por todas as mães do estado do Mato Grosso do Sul que procuram a rede pública para fazer o pré-natal. A notícia foi encerrada em seguida com a entrevista de uma infectologista, que concluiu sobre a importância do tratamento para que mais bebês nasçam sem o vírus.

Anunciada por William Waack, a segunda matéria foi um panorama sonoro construído pelo correspondente internacional Roberto Kovalick sobre diversas imagens, que tentavam representar as manifestações realizadas em todo mundo. A locução do repórter começou no Rio de Janeiro, onde um enorme laço vermelho foi estendido sobre o Cristo Redentor. Durante a narração, ele mostrou que o Obelisco do Ibirapuera, em

⁶ Não foi possível ter acesso à edição do dia primeiro de dezembro de 2008.

⁷ Como a edição analisada foi ao ar em um sábado, Fátima Bernardes e William Bonner não eram os tradicionais âncoras. O dia de folga do casal foi coberto pelos apresentadores Cláudia Vilhena e William Waack.



São Paulo, e a Casa Branca, em Washington, também foram decorados com o laço. Ao exibir a imagem da Casa Branca, Kovalick afirmou que o presidente Bush solicitaria mais recursos ao congresso americano para ajudar os doentes com AIDS. O panorama seguiu então para a China, identificada pelo seu primeiro-ministro, e depois para a África do Sul, onde o repórter declarou existir o maior percentual de soropositivos, tendo ao fundo um show beneficente organizado por Nelson Mandela. Durante a “volta ao mundo”, o único espaço realmente visitado foi uma praça de Nova York, onde manifestantes liam nomes de vítimas da doença enquanto Kovalick fazia a passagem. Naquele ambiente, ele anunciou a previsão da ONU de que, apesar da queda no crescimento do número de contaminados naquele ano, cerca de dois milhões de pessoas morreriam com o vírus em 2007. A “viagem” seguiu para outros lugares não identificados, dos quais foram exibidas imagens de manifestantes, de diversas culturas e religiões que, segundo o discurso na matéria, estariam “unidas” para exigir melhores tratamentos contra um “inimigo comum”.

Com o anúncio de que uma campanha chamou a atenção dos moradores de São Paulo, William Bonner introduziu a nota coberta sobre o Dia Mundial (34”) exibida pelo *JN* no início do terceiro bloco do dia primeiro de dezembro de 2009, destacando que a população local recebeu panfletos com orientações de prevenção e pôde fazer testes gratuitamente. A primeira imagem que vemos é a estampa de uma camiseta vermelha com os dizeres “1º de dezembro – Dia Mundial de Luta Contra a AIDS”. Abre-se o foco e surgem duas senhoras distribuindo panfletos em espaço de grande circulação de pessoas, seguida pela cena de um casal, vestido com a mesma camiseta, aplicando o teste em uma jovem. Sem entrevistas, gráficos ou qualquer efeito visual, a nota segue sendo narrada por Bonner, anunciando que na Avenida Paulista um homem caminhava dentro de uma bolha plástica, simbolizando o preconceito que isola os portadores, e que outras seis bolhas decoradas com o laço vermelho foram colocadas às margens do rio Pinheiros, que atravessa a capital paulistana. A nota é então encerrada com as estimativas do Ministério da Saúde de que existem cerca de 630 mil pessoas infectadas no Brasil. A nota coberta não recebeu chamada na abertura, nem nos blocos que antecederam sua exibição. O *Jornal* segue com a chamada de Fátima Bernardes para matéria sobre o início do período de férias e a necessidade de vacinações para quem está planejando viagens.

No ano de 2010, o Dia Mundial é abordado da forma mais “gelada” pelo *JN*. Em uma nota (30”) apresentada por William Bonner, na metade do último bloco, é



anunciado que em 2009 o Brasil registrou 38.538 casos novos de AIDS, cerca de mil a mais do que em 2008, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde em Brasília. O motivo que levou o *JN* e o próprio Ministério a relatar estes dados naquele primeiro de dezembro – o Dia Mundial de Luta Contra a AIDS - não foi sequer mencionado. A nota sobre AIDS era acompanhada pelo mesmo recurso visual utilizado na nota seguinte, apresentada por Fátima Bernardes, sobre os dados da balança comercial brasileira: um gráfico, de cores frias, com o título AIDS no Brasil, contendo, além do número de casos, a seguinte informação: existem 630.000 portadores do HIV, sendo que 255 mil não sabem. Para finalizar, o apresentador ressalta que as mulheres concentram o maior número de casos na faixa etária de 13 a 19 anos.

Apresentados os objetos, vale esclarecer que o ponto de partida das reflexões será o acontecimento jornalístico construído, e não o evento histórico referenciado nos discursos do *JN*. Sendo assim, é preciso lançar um olhar para o jornalismo como um ativador de acontecimentos.

A construção discursiva do acontecimento: a notícia

Ao estudar o processo de passagem do acontecimento para o mundo do dispositivo, o pesquisador Maurice Mouillaud (2002) indica três características importantes. Considerando a organização que marca acontecimentos históricos, na qual todas as ações são planejadas pensando-se na sua publicização midiática, temos a dimensão de pré-construção do acontecimento. Outra característica seria a polissemia - o acontecimento *polissêmico* - que diz respeito à multiplicidade de sentidos e abordagens que um mesmo evento pode gerar a partir de seus fragmentos. Por fim, temos o acontecimento *orientado*, aquele no qual a influência do jornalismo é claramente percebida como, por exemplo, no enquadramento dado ao acontecimento, na edição das falas e em outros elementos da notícia.

Apesar destas diferentes dimensões que caracterizam o acontecimento, Mouillaud conclui que, acima de tudo, as notícias devem ser concebidas como o resultado de uma negociação, promovida pelo jornalismo, entre os discursos dos diversos atores sociais envolvidos. Logo, os acontecimentos jornalísticos, tal como apresentados pelo autor, podem ser compreendidos como formas discursivas que se apresentam na estrutura narrativa fechada das notícias e são definidos pelos dispositivos que os constroem. Ainda que o jornalismo atribua grande importância ao modo de narrar a notícia, Mouillaud reconhece que todo o esforço narrativo não é capaz de apreender a totalidade e complexidade de um acontecimento. Para ele, o que as notícias



fazem é tentar dar conta, linearmente, de toda a dinâmica do acontecimento a partir de seus fragmentos, que são organizados segundo o saber jornalístico. Desse modo, ao transformar o acontecimento em notícia, o discurso jornalístico realiza operações que promovem, inevitavelmente, um apagamento de muitas questões que ajudariam a dimensionar o acontecimento histórico referenciado, como se o acontecimento jornalístico produzisse, ao mesmo tempo, visibilidade e invisibilidade: “Chamaremos acontecimento a modalidade transparente da informação; aquilo que, então, aparece como figura é seu objeto” (MOUILLAUD, 2002, p.56). O visível seria o “fato”, aquilo que chega ao leitor, mas diante da impossibilidade de se apreender a totalidade do acontecimento, seus outros fragmentos permaneceriam como uma sombra, seu invisível.

Aplicando-se esse modo de apreensão do acontecimento, articulado por Mouillaud, ao Dia Mundial de Luta Contra a AIDS, fica difícil categorizar a cobertura do *Jornal Nacional* pensando-se somente em uma ou outra característica: os acontecimentos jornalísticos construídos parecem reunir um pouco de cada definição apresentada. É possível, por exemplo, interpretar a ação dos manifestantes de colocar laços vermelhos gigantes no Cristo Redentor e na Casa Branca, como exibido na matéria de 2007, ou de colocar um homem dentro de uma bolha gigante caminhando sobre a Avenida Paulista, nas ações de 2009, como indicações da existência do que Mouillaud denomina por acontecimento *pré-construído*, ou seja, aquele preparado para se transformar em notícia. Os manifestantes sabem que, na forma como o jornalismo compreende o mundo, tais espaços atraem grande visibilidade por estarem localizados no centro econômico do país, e, se algo rompe com a normalidade destes locais, certamente será coberto pela mídia. Já a polissemia pode ser verificada principalmente na matéria sobre as mães exibida em 2007, na qual a cobertura sobre tecnologias que facilitam o combate à AIDS tem o mesmo referente que a matéria sobre o Dia de Luta, mas constitui-se como uma outra “face” que sequer menciona as manifestações ocorridas no dia primeiro de dezembro. A orientação do acontecimento é evidente no enquadramento de todas as matérias e notas, que focam na prevenção ou no alarde sobre o crescente número de contaminações, e também no movimento do noticiário de reduzir, nas últimas coberturas, o Dia Mundial à cidade de São Paulo, comparando os anos de 2007 e 2009, e em 2010 à simples dados estatísticos divulgados em Brasília.

O outro movimento apontado por Mouillaud - o esforço do jornalismo de organizar linearmente, na estrutura narrativa da notícia, acontecimentos compostos de “faces” distintas - também pode ser claramente identificado na cobertura do *JN*. As



notícias exibidas são narradas por meio do encadeamento de um fragmento no outro, num modelo linear estruturado com começo, meio e fim. Seguindo este esquema, a primeira matéria exibida em 2007 apresenta o problema de mães contaminadas, quais procedimentos devem ser tomados diante desta situação e como a adoção dessa postura leva ao nascimento de bebês sem o vírus. A segunda ordena um panorama de eventos em espaços distintos e depois tenta conectá-los por meio do discurso de que a AIDS é uma doença social, e que, apesar das diferenças, todas as culturas devem estar unidas pensando em uma solução comum para o problema, o que pode ser visto em falas de Roberto Kovalick como “O presidente Bush disse que vai pedir ao congresso para dobrar a ajuda aos doentes em todo o mundo”. O mesmo movimento ocorre na nota coberta de 2009, na qual Bonner apresenta a campanha que chamou a atenção dos moradores de São Paulo, como ela ocorreu e justifica a importância da sua existência com a estimativa de pessoas contaminadas no Brasil. Nota-se também que, ao invés de prevalecerem narrativas de final feliz, que poderiam ser interpretadas como uma tentativa de amenizar ou suavizar a dimensão na qual a AIDS é muitas vezes discutida, os noticiários optaram por uma narrativa precisa e objetiva sobre a necessidade de conter a expansão da epidemia.

No que diz respeito à negociação dos discursos, não seria incoerente afirmar que o *JN* articula falas que revelam certa preferência pelo discurso científico-preventivo, aquele expresso pelos chefes de estado e instituições, que seria socialmente considerado mais seguro e impessoal. Essa preferência é explícita em todas as notícias analisadas, que apesar de terem como referência o Dia de Luta, são tão concisas e em nenhum momento abrem espaço para a fala de pessoas contaminadas ou ainda mesmo para manifestantes e dirigentes de ONG's, quem realmente vivencia a doença. Ao final da narração da reportagem de Kovalick eles são incluídos na fala “Culturas e religiões diferentes juntas contra um inimigo comum”; e quando Bonner diz na nota coberta de 2009 “um homem dentro de uma bolha simbolizava o preconceito que isola os portadores do vírus HIV”.

O “Império da atualidade”

Tendo em vista as tantas dimensões que constituem o fenômeno AIDS, se o *Jornal Nacional* opta por construir acontecimentos jornalísticos orientados para o discurso da prevenção, o que justifica a presença das matérias na edição do dia primeiro de dezembro? Afinal, abordar a prevenção à AIDS é um movimento que poderia ser realizado em qualquer época do ano, considerando-se o crescimento contínuo das taxas



de contaminação. A resposta pode estar no próprio Dia Mundial de Luta Contra a AIDS, que mostra a sua relevância por “aquecer” a posição de pauta fria ocupada pelas temáticas relacionadas à doença. Como aponta Nelson Traquina ao analisar, em 1993, publicações sobre AIDS em cinco jornais impressos de nacionalidades diferentes, o “primeiro de dezembro oferece aos jornalistas um ‘cabide noticioso’ onde pendurar histórias sobre a AIDS” (TRAQUINA, 2005, p.146). Ele identificou maior concentração de matérias na semana anterior e posterior ao primeiro de dezembro, revelando a orientação dos meios de comunicação para a cobertura de eventos determinados.

Pensando sobre o saber jornalístico como um todo, Mouillaud discute este vínculo do jornalismo com o atual. Para o pesquisador, a atualidade é utilizada para ligar os acontecimentos entre si, dentro de uma mesma unidade de tempo, o tempo do presente. Este movimento do jornalismo de se amparar na atualidade é uma estratégia de destaque na construção de discursos autênticos, diante da necessidade de recortar o acontecimento e, no caso de telejornais, do ritmo do fluxo televisivo. Quem também promove uma rica discussão sobre a relação do acontecimento com a atualidade é o pesquisador Gérard Imbert (2003), em seus estudos sobre como a televisão se configurou no grande ritual moderno. No entanto, antes de detalhar essa discussão, vale destacar o que o autor entende por ritual televisivo:

“[um] dispositivo formal de práticas recorrentes que transmitem uma determinada representação da realidade e cumpre uma função social: a de criar/reforçar o vínculo com o meio compartilhando o mesmo espetáculo, criando assim um consenso formal em torno do *ver*” (IMBERT, 2003, p.60).

Para Imbert, a constituição do ritual televisivo ocorreria, entre outros modos, pela repetição das mensagens televisivas em frequência determinada (diária, semanal) – o que criaria familiaridade entre o telespectador e o veículo midiático e construiria, ao longo do tempo, uma relação de confiança entre eles – e pela abordagem, cada vez mais intensa, de assuntos relativos à sexualidade e ao comportamento, que antes eram restritos ao ambiente privado e agora passam a ser de domínio público.

Dentro das reflexões sobre este ritual, Imbert defende que as transformações nos meios de comunicação, geradas pelas mudanças tecnológicas e sociais, levaram a instalação do “imperialismo da atualidade”. Segundo a lógica deste sistema, o “presente do narrar” vigora sobre o “presente do acontecer”, como se o jornalismo promovesse a “co-existência de dois tempos: o da história (do acontecer) e o da narração” (IMBERT, 2003, p.85). Nesse sentido, a narração das matérias, seja pelo apresentador ou pelo



repórter, se daria sempre no tempo presente, no que parece ser uma estratégia de estabelecer certa simultaneidade entre o tempo do acontecimento e o tempo do telespectador; ou seja, uma tentativa de provocar, no telespectador, a sensação ilusória de atualidade pela vigência do assistir como se fosse sempre ao vivo. E, nesse contexto, o tempo para refletir sobre o acontecimento se tornaria cada vez menor.

A atualidade é um contínuo presente, o da cotidianidade mesma, condenado a renovar-se constantemente sem chegar a desenvolver-se plenamente, sem criar futuro ou apoiar-se no passado. Presente efêmero, [...] a atualidade expropriou a percepção do real da sua profundidade, da sua densidade histórica, para reduzi-la a um puro momento arbitrário (o que agora é atualidade não o será amanhã) (IMBERT, 2003,p.83).

Neste “império da atualidade”, o modo da enunciação surge como outra grande estratégia, pois, sendo a notícia uma forma narrativa, a verdade do acontecimento jornalístico emergiria melhor por meio de uma enunciação verdadeira do discurso do que pela coerência e verdade do que é enunciado. Como ressalta o pesquisador Bruno Souza Leal (2006) o telejornal lida com a verdade da enunciação, na qual o modo de narrar o relato é uma das estratégias de consolidação de credibilidade e autenticidade mais importantes. Em *Televisão: ensaios metodológicos*, Elizabeth Duarte complementa esta idéia ao afirmar que “ao promoverem os acontecimentos enquanto os dizem e ao transformarem atores sociais em discursivos, os telejornais fazem emergir uma verdade que é discursiva, não coincidindo, obrigatoriamente, com a verdade dos fatos: trata-se de operações com efeitos de sentido” (DUARTE, 2004, p.110-111). Reforçando esta dimensão narrativa do acontecimento jornalístico, Robert Stam comenta em suas análises sobre a relação do espectador com o telejornal que,

as audiências da televisão esquecem que a notícia, tal como o filme de ficção, é escrita (roteiro, texto) recebida como fala. Até mesmo as falas mais casuais são fabricadas [...]. A arte do noticiário [âncora, jornalista] consiste em evocar a fria autoridade e a articulação impecável do texto escrito e memorizado, ao mesmo tempo em que “naturaliza” a palavra escrita, com o objetivo de restaurar a aparência de comunicação espontânea [...] [e gerar] um sentimento de comunicação não mediada (STAM, 1985, p. 13).

Voltando-se para os objetos deste trabalho, não seria um erro dizer que a cobertura do telejornal analisado confirma este “império da atualidade”. O *JN* está preso ao imediato do tema (ainda que rotinizado e nada inédito) e não aborda o contexto que envolve o fato transformado em informação jornalística. Os fatores que determinam a constituição da AIDS como uma doença que perpassa todas as esferas da sociedade – o



que justifica os movimentos gerados por ela serem pautados pelo jornalismo – estão ausentes nas notícias em detrimento da cobertura de um acontecimento histórico que quebrou a normalidade de centros políticos e/ou econômicos, ou da abordagem do imediato como “gancho” para tratar do “atual científico” oferecido pelo último boletim epidemiológico⁸, como o aumento da taxa de contaminação.

Ao tentar identificar as estratégias de produção e efeito de sentidos ligadas à construção da AIDS no espaço público, Fausto Neto destaca este movimento comum no modo de configuração da doença como algo da atualidade: “os jornais falam do aspecto novo, algo da ordem do acontecimento, do dia-a-dia, mas articulam a isso uma dimensão que é buscada no “arquivo” do próprio acontecimento [...] entra em ação o recurso reiterativo da lembrança que o poder do jornal tem” (FAUSTO NETO, 1999, p. 63). A interpretação do autor pode ser associada a uma capacidade da notícia, apontada por Mouillaud, de estabelecer conexão entre tempos. Diferentemente de Imbert, cujo “império da atualidade” apagaria outros tempos para estabelecer sempre o presente, o pensador francês defende que, mesmo amparada no atual, a notícia teria o poder de articular o passado, o presente e o futuro.

Considerando os acontecimentos construídos pelo *Jornal Nacional*, poderíamos ver esta tomada do passado no fato do programa não precisar mais identificar o que é a AIDS ou quais as suas formas de contágio: todo o arquivo do que foi veiculado sobre a doença é considerado. O presente diria respeito ao que é atual sobre o acontecimento, ao hoje, como a celebração do Dia Mundial. Já o futuro se manifestaria tanto pela constituição da notícia em algo que será apagado no dia seguinte, dentro dos parâmetros de serialidade, repetição e fragmentação da televisão, quanto pelo fato dela ser uma forma discursiva que apresenta propostas para o futuro, acompanhando a evolução das discussões sobre a AIDS, que já não é mais a mesma dos anos 1980, época de seu surgimento e período em que a mídia tentava identificar o fenômeno.

Estratégias narrativas e de autenticidade

Além do discurso no tempo presente, uma das estratégias narrativas amplamente empregadas no processo de enunciação no telejornal é a singularização dos personagens construídos nas matérias. O espectador do *Jornal Nacional* já espera, durante a enunciação, que a história de um indivíduo vivenciando a ação narrada seja introduzida. Se o imposto sobre compra de imóveis sobe, certamente aparecerá uma pessoa ou um

⁸ Ocorre uma apropriação, no tempo presente, de dados que correspondem, na verdade, ao período de julho de 2007 a junho de 2008, segundo informa o boletim epidemiológico.



casal, que há tempos planeja comprar uma casa, reclamando da alta e traçando planos para superar o problema.

Ao analisar esta estratégia, podemos inferir que essa singularização é utilizada para tornar o relato mais acessível ao espectador, acionando sua identificação com o que é narrado. Contudo, no caso das notícias sobre a AIDS, essa identificação não é promovida. Na verdade, ao concentrar as matérias no discurso científico-preventivo e não introduzir personagens de grande força dramática, o programa revelou sua opção de conferir uma abordagem genérica e impessoal ao tema. O foco da matéria de 2007 e da nota coberta de 2009 parece ser a quebra da rotina do espaço público, e, em menor grau, a mobilização social em torno da prevenção, mas a superficialidade da cobertura, que não apresenta sequer uma entrevista, não aciona o telespectador em nenhum momento. O mais perto que as matérias chegam da singularização é pela anaforização da síndrome, algo que é feito também neste texto, pois a AIDS sempre surge como sujeito, e, no caso das notícias veiculadas, como um sujeito perigoso, contra o qual a população deve estar alerta.

A ausência de um processo de singularização na cobertura do *Jornal Nacional* deixa difícil para o telespectador se reconhecer em alguma categoria. Ainda sim, independentemente de como os discursos se configuraram, ficou claro que a narração dos repórteres e apresentadores foi mobilizada de acordo com a intenção da notícia de apresentar a AIDS como grave doença social, sem grandes perspectivas de melhora, a não ser pela prevenção. Contudo, vale pensar: porque todos os discursos e espaços apresentados têm sido reduzidos a centros como São Paulo? Não se trata de um Dia Mundial? E, diante do mapa nacional de contaminação da AIDS, porque não colocar em cena outros estados brasileiros? Porque, para os jornais, o eixo sul-sudeste oferece falas mais autênticas? Estes questionamentos conduzem à afirmação de que a escolha dos espaços que se tornarão visíveis e dos próprios entrevistados - e de suas falas que vão ao ar - atendem às opções narrativas da notícia e dos dispositivos, e refletem também como os programas interpretam o mundo, quais discursos e lugares atribuem maior credibilidade.

Ao ponderar sobre como o jornalismo ordena os acontecimentos no espaço e no tempo, Mouillaud chega a uma noção de mapa, que seria construído de acordo com o modo como o jornalismo organiza o mundo e o apresenta ao espectador. Nesse sentido, o pesquisador compara a disposição das notícias em um jornal a uma disposição do mundo: “Do leitor, poder-se-ia dizer que ele é “posto no mundo” pelo jornal [...] na



medida em que é referido a uma totalidade que o envolve” (MOUILLAUD, 2002, p.70). O *Jornal Nacional* realiza esta operação descrita por Mouillaud e constrói um mapa que orienta os telespectadores e os condiciona a sempre esperar a cobertura de acontecimentos legítimos de pólos econômicos e políticos. No entanto, o Dia Mundial é uma celebração internacional, e, exceto pela matéria de 2007, nenhuma das coberturas avançou as fronteiras nacionais e/ou municipais, referenciando o telespectador a pólos tradicionalmente abordados, como os Estados Unidos e a Europa, ou a pólos em percentual de pessoas contaminadas, como a África do Sul.

E porque o acontecimento construído e os discursos e estratégias empregados emergem de modo autêntico nos telejornais? Excluindo-se a possibilidade de, por exemplo, um manifestante do Dia Mundial assistir sua ação, a maioria dos telespectadores e jornalistas são somente observadores de um movimento que não foi gerado por eles. Muitas vezes, o narrador nem é o sujeito mais próximo da ação, seu acesso ao acontecimento pode se dar por meio de um recorte já construído por uma agência internacional de notícias, ou pelo olhar de um entrevistado. Desta maneira, no processo de transformação do acontecimento em notícia, acaba se estabelecendo uma dinâmica de circulação dos mais diversos olhares lançados sobre o acontecimento. Submetido a este modo de existência do sistema de informação, o telespectador precisa então confiar no acontecimento jornalístico, no olhar do jornalista e na verdade do que lhe é apresentado. No entanto, diante da impossibilidade de se capturar todas as “faces” de um acontecimento, há de se perguntar se o telespectador é ciente de que sempre há um não-saber, uma sombra do acontecimento que a narrativa da notícia tenta suprir, mas que nunca consegue.

No próprio momento em que o acontecimento é projetado, um processo inverso o põe a distância como algo que é impossível de atingir-se ou, pelo menos, do qual só se poderá captar visões parciais, e do qual a totalidade escapa. Todo acontecimento pressuporia que fossem desdobrados um saber e um não-saber [...] os grandes acontecimentos da mídia seriam aqueles que permitem não somente ver, mas não ver (MOUILLAUD, 2002, p.81).

Discorrendo sobre o ritual televisivo, Imbert afirma que a diversidade dos elementos envolvidos na produção televisiva e a segmentação dos programas conferem à televisão certa facilidade de “convocar públicos heterogêneos e uni-los no mesmo ato: o *ver*” (IMBERT, 2003, p. 58). Este *ver* seria o modo pelo qual o contrato entre o telespectador e o meio de comunicação é agora estabelecido, como se os procedimentos



televisivos criassem, entre os telespectadores, o mito de que o ato *ver* corresponde ao mesmo que entender todas as dimensões de um acontecimento.

A expressão “eu vi na televisão” acentua a identificação do sujeito com o meio dando à representação ares de realidade, acentuando desta maneira o contrato que o une ao meio; mas, neste caso, o contrato já não se funda no crer ou no entender, mas sim no *ver* (o modo de *ver* como autolegimação da realidade produzida pelo próprio meio). Esta primazia do *ver* sobre o saber é fundamental porque outorga à realidade representada um modo de existência próprio e estabelece com o espectador uma relação de adesão imediata (sem mediação) (Idem, p.62).

As estratégias narrativas são mobilizadas pelos telejornais visando reforçar o vínculo que se estabelece entre o programa e o telespectador, a partir desta distinta percepção do *ver*. Para Robert Stam, as estratégias – e outros recursos – contribuem para a construção de um acontecimento autêntico por serem “detalhes destinados a produzir uma sensação de verossimilhança” (STAM, 1985, p.81), que atendem aos “efeitos de realidade” trabalhados pelos telejornais: “O telejornal harmoniza detalhes autenticadores que criam a ilusão ótica de verdade. A acurácia na representação dos detalhes é, na verdade, menos importante do que o mero fato de que esses detalhes existam” (Idem, p.81).

Analisando as matérias sobre a AIDS, esses detalhes podem incluir desde a ambientação do telejornal na redação, como se a notícia fosse produzida ali, na hora, o que é o caso do *JN*, até mesmo a reiteração da narração pelas imagens veiculadas, como quando o apresentador Bonner afirma, na nota de 2009, que “no centro da cidade a população recebeu panfletos com orientações de prevenção e pôde fazer o teste de graça” são colocadas cenas de duas senhoras distribuindo panfletos em um ambiente fechado com grande circulação de pessoas. O enunciado identifica o espaço como centro da cidade, mas aquele poderia ser qualquer lugar: um shopping, uma estação de metrô... não fica claro ao espectador que, em seguida, vê uma mulher realizar o que seria o “teste de graça” em uma sala branca com uma mesa cheia de utensílios médicos.

Conclusão

Podemos entender a mídia como um lugar de (re)produção dos discursos da sociedade, considerando sua instituição como “instância que, no interior do espaço público, trabalha dotada de competências específicas e que é nomeada como um determinado dispositivo de construção da realidade” (FAUSTO NETO, 1999, p.16). Sendo assim, a realidade na qual a AIDS é construída emergiria, principalmente, do modo como se dá a sua publicização midiática, pois os seus fragmentos ganham



visibilidade segundo as regras e estratégias das próprias mídias e do saber jornalístico. E, nesta relação, as noções de acontecimento, enunciação e verdade se tornam cada vez mais próximas:

se a enunciação é uma “tomada de palavra” através de processos singulares de apropriação feita junta a linguagem pelo sujeito, por sua própria conta e risco, as diferentes instituições midiáticas produzem, a partir do “saber jornalístico” e segundo enunciações singulares, seus respectivos projetos de construção e de visibilidade da verdade (FAUSTO NETO, 1999, p.17).

A cobertura do *JN* sobre o Dia Mundial de Luta Contra a AIDS revela muitas das estratégias empregadas na (re)produção dos discursos da sociedade, mas elas não foram exploradas do mesmo modo que em outras matérias da mesma edição dos objetos analisados, que reuniam, além dos procedimentos narrativos citados, o uso de trilha sonora e a intensa singularização dos personagens. Os acontecimentos jornalísticos construídos comprovam tanto o modo como o telejornal se ampara sobre o factual, considerando que ele “precisa” mencionar (e mostrar) o Dia Mundial, quanto à própria rotinização do acontecimento e sua posição de pauta fria, que perde para a cobertura de outros eventos considerados mais relevantes para o dispositivo. Contando com o “arquivo” construído sobre a AIDS, o *JN* referencia o Dia Mundial pela atualidade que esta data atribui à cobertura da doença, sustentando a sua presença na edição, mas prevalece a construção de um discurso que, na visão do telejornal, é o mais isento possível e que, conseqüentemente, deixa na sombra os aspectos sociais, históricos e científicos que geraram o acontecimento.

Sendo assim, ainda que a totalidade do acontecimento seja sempre um segredo, a cobertura do Dia Mundial de Luta Contra a AIDS parece demandar mais do que os ares de imparcialidade de um jornalismo preso ao discurso científico, que apresenta a doença como personagem definido, principalmente, pelo universo da saúde e da sexualidade. As dimensões sociais da AIDS se ampliaram tanto que este tema se afastou do campo exclusivo da ciência há muito tempo. As novidades sobre a cura ou o discurso da prevenção podem sim surgir como matérias desse gênero, mas as manifestações, ações e discussões merecem outras considerações. É pela sua complexidade que a AIDS é pauta, mas os fatores que determinam essa dimensão são vagamente abordados pelo *Jornal Nacional*.



Referências:

CARVALHO, Carlos Alberto. **Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da AIDS pela Folha de S. Paulo de 1983 a 1987.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais: 2000.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos.** Porto Alegre: Sulina, 2004.
FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a AIDS.** São Paulo: Hacker, 1999.

IMBERT, G. La hipervisibilidad televisiva: los nuevos rituales comunicativos e Información y suceso: crisis de lo real y discurso de la actualidad. In: **El zoo visual: de la television espectacular a la televisión especular.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

LEAL, B.S. Reflexões sobre a imagem: um estudo de caso. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Abril de 2006.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio Dayrell. **O jornal, da forma ao sentido.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 49-83.

STAM, Robert. O telejornal e seu espectador. In: **Novos Estudos**, CEBRAP, São Paulo, numero 13, outubro de 1985: 74-87.

TRAQUINA, Nelson. Uma comunidade interpretativa transnacional: a tribo jornalística. In: **Teorias do Jornalismo**, V.2. Florianópolis: Insular 2004-2005.

UNAIDS. Disponível em: <<http://www.unaids.org/en/>>. Acesso em 04 de Abril, 2011, 12:15.